



Carta de Pentecostes 2015
Abade Geral OCist

"Maria!"

Caríssimos,

vos escrevo repensando na Semana Santa que passei em Jerusalém, na Basílica do Santo Sepulcro, hóspede dos Franciscanos. Colhi esta ocasião para viver estes dias como um tempo de retiro na oração, tendo-vos presente comigo no mistério santo daqueles lugares e dias. O "aqui e agora" da liturgia da Igreja é a grande oportunidade que nos é sempre dada novamente, para sermos contemporâneos com o mistério de Cristo, o Deus encarnado, morto e ressuscitado por nós. Viver a Semana Santa, e sobretudo o Tríduo Pascal, no Cenáculo, no Calvário e no Santo Sepulcro, me permitiu celebrar estes mistérios com um realismo que, muitas vezes, esqueço no viver a liturgia. Os mistérios cristãos são realidades, acontecimentos, que se renovam agora, para nós, como dois mil anos atrás aconteceram para a Virgem Maria, os Apóstolos, para todos os discípulos contemporâneos de Jesus.

Naqueles dias procurei mendigar constantemente ao Senhor, a graça de poder encontrá-lo e recebê-lo como Ele queria dar-se a mim e a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, Ele me confiou.

O primeiro encontro com o Ressuscitado

A passagem Evangélica que particularmente me falou, durante aqueles dias, foi a do encontro do Ressuscitado com Maria de Mágdala, no Evangelho segundo João (20,11-18). Todas as noites, os Franciscanos do Santo Sepulcro refazem os lugares da Paixão

e Ressurreição do Senhor, presentes na Basílica, retomando o rito e cantos de uma antiga procissão. Esta culmina no lugar que a tradição e a piedade individualizam o ponto onde o Senhor ressuscitado apareceu à Maria Madalena. Vivi, todas as vezes, esta última etapa da procissão com uma particular emoção porque lá o acontecimento fundamental da nossa fé cristã, a Ressurreição de Cristo dos mortos, pela primeira vez se tornou encontro, experiência pessoal dos sentidos e do coração, de um ser humano como nós. Foi encontrando Maria Madalena que o Ressuscitado começou a "fazer novas todas as coisas" (cfr. Ap 21,5). Como ocorreu a Ressurreição, ninguém pode descrevê-lo, ninguém sabe, mas a Ressurreição é uma realidade, um acontecimento real, porque o Ressuscitado realmente encontrou seus discípulos, começando por Maria de Mágdala.

Por isso, o encontro com a Madalena é fundamental para cada um de nós, o paradigma de como o acontecimento que dá sentido a toda a nossa fé, possa se tornar experiência para todos. Porque se o Ressuscitado venceu a nossa morte e o nosso pecado, o fato de encontrá-lo é, para cada um de nós, a única salvação, a única experiência que pode preencher de felicidade a nossa vida. O encontro com a Madalena foi o primeiro que aconteceu e o primeiro narrado pelo Evangelho, porque nele nos foi anunciada uma experiência que podemos e devemos fazer, se quisermos realmente satisfazer a sede de salvação do nosso coração.

Nas minhas últimas cartas insisti sobre a importância de redescobrir a dimensão mística da nossa vocação cristã e monástica, unida a dimensão comunitária, na qual, o dom da comunhão com Cristo se irradia e se torna verdadeiro. Está em jogo a profundidade e verdade da nossa vocação cristã, da nossa vocação de pessoas aconselhadas pelo Ano da Vida Consagrada à uma especial conversão no viver o próprio carisma na sua essencialidade, purificando-se, pelo menos interiormente, de tudo aquilo que pesa e atrapalha o caminho no seguimento de Cristo.

O episódio do encontro do Ressuscitado com a Madalena é como uma síntese da experiência cristã. Parece-me útil, portanto, conformar-se com esta passagem evangélica, para entender como podemos vivê-la.

"Mulher, por que choras?"

Maria Madalena era uma mulher apaixonada por Jesus. Aquilo que a conduziu ao Sepulcro foi o desejo de expressar-lhe ainda o seu amor, pelo menos unguendo seu corpo sem vida, mas quando encontra o sepulcro vazio, este desejo se transforma em angústia. Aquele que Maria deseja não é mais, nem mesmo, um cadáver, e não sabe mais onde procurá-lo, onde encontrá-lo, a quem perguntar. Toda a realidade torna-se aquilo que as esconde e não restitui o seu Senhor. Alguém é "culpado" por esta ausência, mas não sabe quem acusar: "Levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram" (Jo 20,13), diz aos anjos. E suspeita também Jesus, confundindo-o com o jardineiro, por ser culpado desta ausência: "Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o puseste" (20,15).

Maria chora. Chora de dor, chora por amor, chora de raiva, chora por medo, chora na angústia. O choro é o transbordamento do coração humano pela dor que sente.

Também Jesus chorou pela amizade de Lázaro, por compaixão e desilusão olhando Jerusalém e na angústia diante da morte, no jardim do Getsêmani (cf. Jo 11,35; Lc 19,41; Mt 26,37-38; Heb 5,7).

Os anjos do sepulcro e o próprio Jesus não desaprovaram o choro de Maria. A convidaram, porém, a dar razão deste choro, a definir o porquê desta dor: "Mulher, por que choras?". Jesus acrescenta: "Quem procuras?", para ajudar Maria a "canalizar" sua dor no desejo de encontrar o Senhor Ressuscitado. Maria não chora somente porque não encontra seu cadáver, porque isto não a consolaria igualmente, da profunda dor de seu coração. Não sabe ainda que chora porque procura Jesus vivo. Jesus a faz entender que somos consolados de nossa dor ou de nossa insatisfação, somente se encontramos Aquele que apaga o desejo profundo de nosso coração.

À pergunta dos anjos e Jesus, Maria, porém, responde dizendo que chora porque levaram o corpo do seu Senhor. É como se dissesse que chorava porque foi vítima de um crime, um roubo, e isso a enche de dor e raiva. Quantas vezes nós também procuramos os "culpados" de nossa tristeza, da nossa insatisfação. Se na nossa vida ou na nossa comunidade as coisas não são como gostaríamos, a primeira reação é procurar fora de nós os responsáveis por este desconforto. E "choramos" como crianças dengosas, até que alguém venha assumir a responsabilidade da nossa insatisfação, dando-nos aquilo que queremos. Não percebemos que também através desta insatisfação e raiva passa um desejo muito mais profundo, o desejo fundamental do coração humano: aquele de encontrar Jesus, vivo e presente, Jesus ressuscitado.

"Mulher, por que choras? Quem procuras?". Nas duas perguntas de Jesus à Madalena existe a oferta de um caminho para ajudá-la a tornar-se consciente do verdadeiro desejo do seu coração. "Por que choras? - *Quid ploras?*": é como se o choro fosse ainda a expressão do desejo de algo, de um "*quid*" sem face. É um desejo ainda preso e amarrado no emaranhado de nossas teimosias, das nossas concupiscências. Queremos, no fundo, satisfazer a nós mesmos. Jesus, com a segunda pergunta, convida Maria a deixar de olhar somente si mesma, também a própria dor, para permitir ao desejo de seu coração de olhar para uma Face, para procurar Deus: "Quem procuras - *Quem quaeris?*". O nosso coração, através de todas as suas paixões e desejos, não procura algo para possuir, consumir, como o fruto proibido do primeiro pecado, mas Alguém, uma Pessoa, e, portanto uma relação. Parece ouvir o que São Bento pede ao mestre de noviços para observar, com atenção, se o noviço "busca verdadeiramente Deus - *si revera Deum quaerit*" (RB 58,7).

Toda a verdade da nossa vocação humana, cristã e monástica, está na disponibilidade a tornar-se cientes que a felicidade não consiste em procurar satisfazer o nosso coração com tudo aquilo que podemos alcançar, como o fruto do Éden, mas no deixar que Deus atraia nosso coração para a experiência do encontro com Ele.

"O irei buscar"

Mesmo diante da pergunta específica de Jesus, "Quem procuras?", Maria tenta ainda reduzir a experiência do encontro com Deus em algo que ela pode segurar e realizar com os próprios esforços: "Senhor, se o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o irei

buscar" (Jo 20,15). Muitas vezes reduzimos a experiência de Deus, o estar com Ele, a oração, a liturgia, o encontro com Ele no próximo, em um trabalho que podemos realizar, com a força de nossos braços, com as nossas energias. E assim, reduzimos o Deus Vivo em um "corpo morto" que pesa sobre os nossos ombros, que tomamos, colocamos e deixamos, como e onde queremos. O nosso coração deseja o infinito, o impossível, mas instintivamente, somos tentados a realizar nós aquilo que nos supera. A grande tentação do homem é aquela de querer realizar com as próprias forças, o infinito que anseia seu coração. E assim somos, muitas vezes, propensos a segurar com as nossas mãos aquilo que já foi dado aos nossos olhos, ao nosso coração. Se Jesus aparece a Maria como "jardineiro", não é porque Ele se esconda ou disfarçe, mas porque ela não O olha, não O reconhece, muito ocupada a procurá-Lo lá onde acredita que ela O toque. O dom de Jesus vivo é velado aos olhos de Maria, pela ânsia de podê-Lo encontrar e levar com suas próprias forças, como um corpo morto.

Quando Jesus a chama pelo nome, o Evangelho diz que Maria "se virou" (Jo 20,16), como se olhasse para outro lugar. Jesus está bem presente, aparece verdadeiramente, em carne e osso, mas a capacidade de reconhecê-Lo de seus discípulos precisa de uma conversão, de um processo de conversão do olhar, da atenção, que é um processo interior. Os discípulos de Emaús são distraídos por seu medo, suas idéias sobre o que aconteceu, suas insensatez e tardos de coração a crer nos profetas (Lc 24,25). Pedro e seus companheiros estão distraídos pelo cansaço e decepção de ter pescado a noite toda e não pegarem nada, tanto que quando Jesus pergunta-lhes se eles têm peixe, respondem duros e irritados: "Não!" (Jo 21,5). Maria Madalena é distraída pelo seu sofrimento em não encontrar o corpo de Jesus, pelas suas lágrimas, pela sua agitação em fazer tudo ela, até encontrá-Lo.

Todas essas atitudes, de uma forma ou de outra, nos faz olhar para nós mesmos, nos cegam, nos distraem do reconhecer o Senhor, o Senhor presente e paciente que já está aqui conosco, que já está diante de nossos olhos, que já está caminhando conosco, que já nos olha com um amor infinito e anseia revelar-se ao nosso coração para preenchê-lo de alegria. Cristo quer converter-nos a reconhecê-Lo acompanhando-nos com a Sua palavra e os sacramentos, como os discípulos de Emaús. Cristo quer nos converter a reconhecê-lo vindo a dar fecundidade àquilo que na nossa vida e no nosso trabalho é estéril e nos torna irritados com a vida, com nós mesmos, com os outros, com Deus, como naquela manhã no lago de Tiberíades.

"Disse-lhe Jesus: Maria!"

Sobretudo, Jesus quer nos converter à Ele, chamando-nos pelo nome, quando o nosso coração geme, ama e tenta com todas as forças segurar o objeto de nosso desejo, talvez em um modo possessivo e obstinado, com lágrimas sinceras e falsas de outrora, porque não somos capazes de amar com verdade, pureza, gratuidade.

Maria Madalena é um emaranhado de sentimentos e paixões, mas procurou Jesus, não se contentou com nada menos que Jesus. E naquela manhã, nesta procura colocou todo seu ser, o bem e o mal que existia nela, a beleza e a miséria de seu coração, todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Estava completamente lá, com toda a sua paixão, com todo o seu voluntarismo, com toda sua força e toda sua

fraqueza. Não devemos deixar de fora nada daquilo que somos no encontro com Cristo ressuscitado. Porque Ele nos espera assim, nos deseja assim, nos chama assim.

Encontro a todo esse emaranhado de humanidade, outrora grande e mesquinha, Jesus vem com o sopro da brisa suave, com a qual, pronuncia o nosso nome. Em seguida, nos dirá mais, depois pedirá mais, nos dará uma missão, mas a vocação está completamente no Seu pronunciar nosso nome. Como no dia do nosso Batismo. Porque quando o Ressuscitado pronuncia nosso nome, nos diz tudo. Nos diz tudo, porque nos dá tudo, tudo aquilo que basta para viver, tudo aquilo que precisamos para viver plenamente, para viver eternamente, para vencer o pecado e a morte. Porque pronunciando nosso nome nos dá comunhão com Ele, dá-nos viver respondendo a Ele que nos chama, dá-nos viver "voltando-nos" (cfr. Jo 20,16), isto é, convertendo-nos continuamente a Ele, a sua Face bondosa, sua Face que ilumina a nossa vida e o mundo inteiro.

Toda moral e ascese cristã está em voltar-se a Cristo que nos chama pelo nome.

"Rabbunì!"

Quem ouve Cristo chamando seu nome, não pode mais viver que para responder a sua presença e seu amor. O sentido da vida está em responder ao amor de Deus que nos chama a existir, a nascer e sempre renascer de seu amor infinito. Ao Ressuscitado que a chama, Maria de Mágdala não responde instintivamente "Jesus!"; Responde: "Rabbunì - Mestre!" (Jo 20,16). O chama com o título daquele que se quer seguir, daquele o qual se quer aprender a verdade e a vida. Maria quer ouvir o Senhor que diz toda a verdade de sua vida, que diz seu nome como ninguém pode dizer. Maria quer obedecer a esse chamado a ser plenamente si mesma em tornar-se aquilo que é para Jesus, aquilo que ela é no seu olhar, sentimentos, amor, no coração de Cristo. Nele somos criados. O seu olhar nos ver melhor do que nós mesmos ou como os outros nos vêem. Seu sentimento nos percebe como não conseguimos nos sentir. O seu coração nos ama como nós não sabemos nos amar. Maria quer deixar-se definir toda e somente por Jesus que a chama.

"Rabbunì!" significa literalmente "meu Mestre!", um título que exprime, ao mesmo tempo, respeito e amor, veneração e carinho. A única resposta adequada a Jesus que nos chama pelo nome é, portanto, a disponibilidade de ouvi-Lo e segui-Lo, amando-O com todo coração.

"Eu vi o Senhor, eis o que me disse"

A partir desta experiência de encontro com o Ressuscitado, nasce a missão de cada discípulo de Cristo, em qualquer forma de vida e vocação. Porque a missão cristã é sempre o irradiar-se de um encontro pessoal com o Senhor, que morreu e ressuscitou para salvar toda a humanidade.

Quando Jesus disse à Madalena: "Não me retenhas, (...) mas vai a meus irmãos e diz-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (Jo 20,17), não a subtrai do encontro com Ele. Quer somente que Maria viva este encontro com o coração

aberto, com o qual, vive o próprio Cristo, com aquele amor pessoal por ela que abraça, ao mesmo tempo, toda a humanidade necessitada de salvação e redenção.

Quando Maria corre até aos apóstolos para anunciar que viu o Senhor, e repetir aquilo que Ele disse, não é apenas um discurso aquilo que transmite. Maria transmite a Face do Ressuscitado. O faria mesmo sem dizer nada. Nela, agora, a vocação e missão coincidem. Ser chamada é a sua missão, porque onde quer que vá, todos que a encontra, nela não há nada mais que Jesus, que a chama com amor em tudo e em todos. Tudo para ela é a ocasião para responder ao chamado de Cristo que preenche seu coração.

O testemunho cristão é possível e é sempre coerente porque não fala de si, mas do Senhor; não anuncia as nossas ideias, mas aquilo que ouvimos Dele. Os olhos de Madalena refletem a face do Ressuscitado, e suas palavras fazem ressoar a Sua voz. A voz de Jesus a chamou pelo nome e agora também falando de si, Maria não apresenta mais si mesma, mas Ele que a chama, Ele que preenche de sentido e beleza a sua vida, Ele que a liberta, Ele que a consola em seu choro, Ele que satisfaz todos seus desejos de vida e felicidade. Ninguém a chamará mais "Maria!" como a chamou Jesus; para ninguém Maria será tão si mesma como para Jesus. Maria pertence tão profundamente a este chamado, que a partir de agora ninguém poderá encontrá-la sem encontrar com o Ressuscitado, sem fazer experiência, através dela, do encontro com o Senhor.

"O meu Pai e vosso Pai"

Jesus confiou à Madalena uma mensagem que resume todo o cristianismo, todo o Evangelho: "Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (Jo 20,17).

Tem tudo neste anúncio. Em Jesus morto, ressuscitado e elevado ao céu, nós compartilhamos sua vida trinitária, estamos em comunhão com a sua vida filial: Seu Pai é nosso Pai, o Seu Deus é o nosso Deus. Tudo o que é "de Cristo", também é nosso; como o pai da parábola do filho pródigo diz para o filho mais velho, Jesus nos diz, que estamos sempre com Ele, e que tudo aquilo que é Seu é nosso (cfr. Lc 15,31). Não podemos desejar mais.

E Jesus, com esta mensagem, faz anunciar por Madalena também a comunhão profundíssima de todos os seus discípulos, porque o que poderia nos unir mais do que o "nosso", que coincide com o "meu" de Jesus?! Aquilo que é totalmente de Cristo, que nos foi dado possuí-lo e compartilhá-lo, de possuí-lo *juntos*. Somos todos irmãos e irmãs, todos filhos de um Deus que é Pai, e filhos como Cristo é o Filho.

Porém para fazê-la anunciar tudo isso, Jesus exprimiu tudo no modo com o qual, simplesmente disse: "Maria!". Se em pronunciar nosso nome Jesus exprime todo o Seu amor e sua vida, toda a Sua capacidade de amizade e comunhão, então naquele "Maria!" deveria ressoar todo o Amor trinitário, filial, fraterno, que queria transmitir aos seus discípulos, a humanidade inteira, porque por isto morreu e ressuscitou. Maria traz todo este horizonte do infinito amor em comunicar aos discípulos, à Igreja, à nós, o seu chamado, sua vida chamada por Ele, o seu coração ressuscitado à voz do Amado, que pronuncia o seu nome.

Libertados de sete demônios

No Evangelho segundo Marcos se diz que "Jesus apareceu por primeiro a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios" (Mc 16,9). O desejo avassalador de Maria de reencontrar Jesus, foi certamente determinado pela consciência que, sem Ele, não poderia permanecer livre desses demônios. Sem Jesus, Maria era como aquela casa, a qual o demônio expulso, teria tornado trazendo consigo outros sete espíritos piores que ele (cfr. Mt 12,43-45). Sem Cristo somos impotentes para permanecer livres de tudo aquilo que nos leva ao mal, divisão, orgulho, vaidade, desprezo pelos outros, concupiscência, ambição, ativismo, acédia, tristeza, morte. Cada um de nós, também em nossas comunidades, temos uns "demônios", umas fragilidades, umas tendências ao pecado, que dificultam a nossa liberdade de amar a Deus e os outros. Para isso, precisamos procurar e encontrar o Senhor, reencontrar sempre a experiência do encontro com Ele, que nos liberta.

A verdadeira renovação de nossas vidas, nossas comunidades, nossa Ordem, como de toda a Igreja, não pode vir que do reproduzir-se da experiência de encontrar o Senhor ressuscitado, que nos chama pelo nome e nos abre à comunhão com Ele e n'Ele. É assim que Cristo começa a viver em nós, a nos tornar instrumentos da sua presença e da sua caridade. Assim que a vida divina entra no mundo e torna-se como um fogo que se transmite do nosso encontro com Ele, ao nosso encontro com os outros, até que toda a humanidade, tão dilacerada por divisões e violência, se torne uma única grande família de Deus.

A verdadeira fraternidade consiste em ajudar-nos uns aos outros, com a oração e a misericórdia, para renovar e aprofundar a experiência do Ressuscitado que nos chama pelo nome e nos torna evangelizadores da comunhão com o Pai e com todos. Pedimos ao Espírito Santo o dom desta fraternidade em nossas comunidades e na Ordem! Não há melhor preparação para o Capítulo Geral, e melhor modo de favorecer a renovação evangélica que Papa Francisco e o Ano da Vida Consagrada querem despertar em nós e entre nós.

Desejo-vos um ardente e incessante Pentecostes!

Vosso



Fr. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist